A Próxima Vítima ou Final Feliz: uma análise da representação das personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo [1]

Guilherme Moreira FERNANDES[2]
Cristina BRANDÃO[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Esse artigo objetiva analisar a construção das personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo, com base da teoria da representação de Aluizio R. Trinta (2008), versando a tríade: arquétipos, protótipos e estereótipos. Para tanto, foi realizado um esboço das telenovelas globais, sobretudo do horário das 21 horas, que obtiveram algum avanço temático na representação identitária da homossexualidade. Analisamos dez telenovelas que julgamos ser as mais representativas. Concluímos que houve um avanço temático entre os anos de 2003 e 2005 que não teve continuidade nas telenovelas seguintes. Possíveis comparações com outros produtos da dramatúrgicos (brasileiros e americanos) mostram que as telenovelas brasileiras precisam evoluir, se, é claro, o público permitir.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovela – Homossexualidade – Representação - Identidade

Introdução

A telenovela é um formato teledramatúrgico que se consolidou no Brasil em 1964 com "O Direito de Nascer" do cubano Félix Caignet, sucesso também, na década anterior como radionovela. A trama foi ao ar pela TV Tupi, dando início ao hábito popular, existente até hoje, de assistir telenovela, diariamente, no *prime time*. Ismael Fernandes (1997, p. 65) aponta que "a segunda metade dos anos 60 assistiu ao maior torvelinho de emoções que a nossa televisão tem para contar. Tupi, Excelsior, Record e Globo entraram no páreo para valer". A telenovela é definida como ficção diária aberta, pois podem ocorrer mudanças nas tramas de acordo com a vontade do público ou da administração da emissora.

Nosso recorte analítico se refere à representação da personagem homossexual nas tramas. Analisamos dez[4] telenovelas, todas da Rede Globo, que se destacaram de alguma forma ao contar histórias de homossexuais. Em algumas tramas, temas polêmicos, como a homoconjugalidade e a homoparentalidade foram abordados, com maior êxito e destaque do que em outras. Assim, objetivamos diagnosticar como se deu o processo de construção dessas

[1] Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.
[2] Mestrando do Curso Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFJF. Bolsista da Pró-reitoria de Pós-Graduação da UFJF, email: gui_facom@hotmail.com
[3] Orientadora do trabalho. Professora adjunta da Facom e colaborada do PPGCOM. Mestre e Doutora em Teatro pela Unirio, email: cristinabrandao49@yahoo.com.br.
[4] São elas: "Vale Tudo" (1988), "A Próxima Vítima" (1995), "Por Amor" (1997), "Torre de Babel" (1988), "Suave Veneno" (1999), "Mulheres Apaixonadas" (2003), "Senhora do Destino" (2004), "América" (2005), "Duas Caras" (2007) e "A Favorita" (2008).

personagens. A abordagem teórico-metodológica deste artigo parte de conceitos propostos por Aluizio R. Trinta (2008), tais como, "arquétipos", "protótipos" e "estereótipos" – a construção das representações no curso das tramas para possíveis formações de identidades baseadas na projeção/identificação com personagens televisivos.

Indagado por Benedetto Vecchi, Zygmunt Bauman (2005, p.21-22) afirma que "a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um 'objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la". A respeito da luta pela defesa de uma identidade, já referindo aqui à identidade homossexual, foco de análise desse artigo, podemos utilizar, mais uma vez as palavras de Bauman:

> É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutamos para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento (...) (BAUMAN, 2005, p. 32).

Assim, apontamos o papel dos ativistas midiáticos do mundo homossexual. Diversas ONGs que lutam pela igualdade entre heterossexuais e homossexuais, constantemente lançam notas sobre a programação televisiva – e também em relação à presença dos homossexuais na teledramaturgia – com a finalidade de fazer com que as representações sejam as mais fiés possíveis, interessando à grande gama que representa a sigla LGBTTT[5].

É notório que uma personagem não consegue dar conta das múltiplas identidades existentes no mundo homossexual, nem é isso que esperamos que faça. O ativista André Fischer, argumenta:

> A televisão é um dos campos de batalha mais evidentes da questão da visibilidade gay na sociedade brasileira. Aparições super-discretas, a ponto de muitas vezes passarem invisíveis para parte do público, eram a marca dos personagens homossexuais nas novelas nacionais até a década de 1990. Os finais trágicos e não raros tipos cômicos foram cedendo espaço a casais de belos e assumidos que queriam adotar, a ponto de no primeiro semestre de 2008 Globo, Record e Band terem personagens gays no horário nobre, simultaneamente. (FISCHER, 2008, p. 193).

A relação de representação e identidades é uma preocupação de Aluizio R. Trinta (2007) ao afirmar que os indivíduos se fazem sujeitos em referência a significados sociais e sentidos culturais reapresentados pelo sistema da indústria cultural: "a televisão constrói um vínculo social, na medida em que cada telespectador se agrega a um público imenso, variado e anônimo" (TRINTA, 2007, p. 153). Em sua dinâmica comunicacional própria, a televisão induz os telespectadores a 'ilusões de objetividade', obliterando a mediação que realiza. Tendo a convicção de estar diante do 'real cotidiano', o telespectador desencadeia processos

[5] Significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais, sigla definida na Conferência Nacional LGBTTT que ocorreu em Brasília-DF em junho de 2008.

de identificação e de projeção – acentuados sobremodo por astúcia, artifícios e artimanhas ficcionais, próprios à telenovela.

Trinta (2008) afirma que o processo de identificação de um público com os personagens representados na trama se vincula ao grau em que dado público se deixa influenciar por personagens ou personalidades. Assim, identificar-se significa compartilhar afetivamente a situação psicológica de alguém. Trinta (2008) descreve três modelos de representação de personagens e suas relações com a formação de identidade e de projeção por parte do público. O arquétipo é um modelo antecedente e estável, que não pode ser destruído, mas exige mais trabalho para ser (re-) construído. O processo de identificação/projeção somente ocorrerá se houver conhecimento prévio de um ou mais arquétipos. Já o protótipo tem características psicológicas e estéticas bem trabalhadas, podendo vir a se fixar como um arquétipo; mal ou simplesmente esquematizadas, encaminham um novo estereótipo. Esse, por sua vez, vale por rotulações socioculturais, aplicando-se, por exemplo à percepção do comportamento humano em simplificações exageradas e caricaturais de características comportamentais específicas.

A primeira telenovela que apresentou personagens homossexuais foi "O Rebu"[6] (1974), de Bráulio Pedroso, exibida no horário das 22 horas, pela TV Globo, em que o ator Ziembinski vivia o milionário Conrad Mahler e era apaixonado pelo jovem Cauê (Buza Ferraz). Por conta deste amor, o magnata acaba matando Sílvia (Bete Mendes). Luiz Eduardo Peret (2005, p. 80) aponta que nesta novela "a homossexualidade foi retratada de maneira bastante clara para a época e explorada do ponto de vista do crime passional e da relação de dependência financeira de um belo jovem por um homem muito mais velho". Como a homossexualidade não foi vivida de forma plena pelos personagens, mas apenas induzida e contando com a utilização de estereótipos, como a dependência financeira - motivo da relação conjugal, não podemos qualificar Mahler e nem Cauê como representações prototípicas.

Outro destaque foi a telenovela "Brilhante" (1981)[7], de Gilberto Braga. Na trama, o homossexual Inácio (Dennis Carvalho), era filho da milionária Francisca (Fernanda Montenegro) que tenta, a todo custo, arranjar um casamento de conveniência para o filho. Proibido pela censura de utilizar a palavra 'homossexual', Gilberto Braga foi discreto ao conduzir o suposto romance entre Inácio e Sérgio (João Paulo Adour). Inácio casou-se com Leonor (Renata Sorrah) e viveu os dramas de um casamento desajustado. No fim da trama,

[6] Têm estudiosos (como FISCHER, 2008) que apontam que a primeira novela com personagem gay foi "O Bofe", de Bráulio Pedroso (1972). Porém, nessa novela, o personagem em questão não é gay nem transexual. O que ocorre é que o ator Ziembinski interpreta uma mulher, a Stanislava.

[7] Outras telenovelas com personagens homossexuais são: "O astro" (1977-20h), "Dancin'Days (1978-20h), "Os Gigantes" (1979-20h) "Pai Herói" (1979-20h), "Marrom Glacê" (1979-19h) e "Ciranda de Pedra" (1981-18h).

Inácio embarca para Paris em companhia de Cláudio (Buza Ferraz), seu namorado. Trinta (2008, p.45) chega a afirmar que Inácio foi o primeiro protótipo homossexual da TV brasileira. Ao nosso ver não foram mostradas cenas de homoafetividade envolvendo a personagem de Dennis de Carvalho. Todavia, a personagem detém características similares a de Mahler (de "O Rebu"), como: timidez, doçura, recato, etc, que, de acordo com Trinta (2008), são típicas de um protótipo.

Caso Inácio seja um protótipo, o mesmo se aplica a Mahler. Porém, não podemos dizer que eram simples estereótipos. Por isso utilizaremos, nas próximas análises, três formas de representação, todas referentes à prototipia: protótipo, pseudoprotótipo (próximo ao estereótipo) e protótipo exemplar, este último próximo aos arquétipos. Ressaltamos que o protótipo é um conceito concebido. Detém uma taxa de originalidade (informação nova). Quando essa taxa é alta, ele está mais sujeita a "erro de projeto", já quando é baixa está próxima demais à estereotipia. O protótipo é um ensaio que pode se tornar um erro. Assim, podemos definir Mahler e Inácio como pseudoprotótipos. Essa classificação é devida a não existência de características femininas (o que os colocarariam como esteterótipos) e a falta de cenas de afetividade homoerótica (necessários a um protótipo).

Vale tudo para ser a próxima vítima na torre de Babel?

De "Brilhante" (1981) a "Vale Tudo" (1988), sete telenovelas[8] abordaram, de alguma forma, a homossexulidade, porém sem nenhum destaque ou avanço temático. Assim, destacamos "Vale Tudo" (1988), de Gilberto Braga, como uma das principais telenovelas no que toca à homossexualidade, sendo ainda a primeira a tratar, de maneira séria, a homossexualidade feminina. Na trama, Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska) viviam um relacionamento estável, mostrado em cenas íntimas discretas, além de bem românticas. Cecília era dona de uma pousada em Búzios-RJ, tendo como sócia sua companheira Laís. No meio da trama, Cecília morre em um acidente de carro, deixando como mote a discussão em torno do direito à herança. Laís termina tendo direito ao patrimônio, vindo ainda a encontrar uma nova companheira, a fotógrafa Marília (Bia Seidl). Enfim, um "final feliz" para um casal homoafetivo, apesar, é claro, da morte de Cecília.

Podemos classificar esse casal de "Vale Tudo", especialmente a personagem de Cristina Prochaska, como um protótipo, graças à verossimilhança narrativa, à empatia com o público e a caracterizações bem feitas. Não podemos dizer que é um protótipo exemplar, pois – apesar de serem bem lembradas, como veremos na segunda parte desse artigo – elas não

[8] São elas: "Partido Alto" (1984-20h), "Um Sonho a mais" (1985-19h), "Roque Santeiro" (1985-20h), "Ti ti ti" (1985-19h), "Roda de Fogo" (1986-20h), "Mandala" (1987-20h) e "Sassaricando" (1987-19h).

formam um modelo identitário forte, devido à falta de cenas de homoafetividade e de diálogos sobre uma relação conjugal. Mesmo assim, reconheçamos estar diante de um marco na dramaturgia nacional, pondo-se em pauta o direito à herança quando da experiência de relações homoconjugais.

Depois de "Vale Tudo", a temática da homossexualidade só viria a ser retomada de forma abrangente e com ganhos temáticos[9], em "A Próxima Vítima", no ano de 1995, novela de Sílvio de Abreu. Além de problemas por sua condição gay, o casal foi alvo de expressões de racismo. O par romântico Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) pretendia ser plenamente aceito por suas respectivas famílias. A trama mostrou embates entre Sandro e sua mãe Ana (Suzana Viera), que dizia poder até aceitar a sexualidade do filho, mas não queria que ninguém dela soubesse. Jefferson também enfrentou problemas similares com sua família. Fátima (Zezé Motta) e seu irmão Sidney (Norton Nascimento) não entendiam o porquê da homossexualidade de Jefferson. Fátima sempre desconfiou da amizade entre Sandro e Jefferson, tendo indagado ao filho sobre tal relação. A personagem de Zezé Motta também perguntou a Ana o que ela pensava dos dois. Ambos contam então que são gays, escandalizando suas famílias. No fim da novela, eles começam a morar juntos. Recordamos do triste episódio do espancamento do ator por *skinheads,* no Rio de Janeiro, motivado pela polêmica envolvendo sua personagem.

Classificamos esse casal como um protótipo exemplar. Foi a primeira vez, nas telenovelas globais, que um casal homoafetivo não morreu no meio da trama. Além disso, nenhum dos dois apresentava marcas de feminilidade, nem trajava roupas escandalosas, nem tinha comportamentos verbal e não-verbal que oferecessem pistas ao telespectador acerca de sua condição sexual. Somente no desenrolar da trama isto ficaria evidente.

"Por Amor" (1997), de Manoel Carlos, apresenta uma história sobre a bissexualidade. Nesta trama, o dentista Rafael (Odilon Wagner) vive um casamento estável e aparentemente sem crise com Virgínia (Ângela Vieira); tem dois filhos, Rodrigo (Ângelo Paes Leme) e Juliana (Larissa Queiroz). No meio da novela, Rafael descobre sua bissexualidade e começa a se envolver também com homens. Na reta final, Virgínia descobre a bissexualidade do marido; eles têm então uma conversa franca, em que Rafael revela gostar também de homens. Ele está decidido a se separar da esposa e também dos filhos. Nessa fase da telenovela, ele passa a viver com o jovem Alex (Beto Nasci).

[9] No período de 1988 a 1995, as seguintes telenovelas mostraram personagens homossexuais: "Bebê a Bordo" (1988-19h), "Pacto de Sangue" (1989-18h), "Tieta" (1989-20h), "Mico Preto" (1990-19h), "Barriga de Aluguel" (1990-18h), "Pedra sobre Pedra" (1992-20h) e "Renascer" (1992-20h).

A personagem Rafael não se enquadra diretamente em nenhuma das representações propostas por Trinta (2008). Pelo pouco espaço de que dispôs na trama de Manoel Carlos e também pelo assunto ter sido tratado de forma séria, estamos diante de um pseudoprotótipo. Sem dúvida, se a personagem tivesse tido maior destaque, apresentaria características de um protótipo exemplar, pois suas caracterizações eram perfeitas e o autor da trama as conduziu na mais plausível verossimilhança narrativa.

A novela posterior a "Por Amor" foi "Torre de Babel" (1998), de Sílvio de Abreu. A trama não foi bem recebida pelo público. Vários assuntos desagradavam à audiência, entre eles, a relação íntima de Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer). Era um casal de empresárias, donas de uma loja em um shopping. Foram retratadas em uma abordagem bastante direta, sem subterfúgios ou artifícios, despertando intensas reações no público; disto resultou um desfecho trágico, com a morte de ambas na explosão do *shopping center*. Outros personagens, como o violento Agenor (Juca de Oliveira) e o drogado Guilherme (Marcello Antony) também foram "limados" da telenovela, com a mesma justificativa: chocavam demais os telespectadores.

As principais justificativas para a rejeição do público estão no fato de o casal de lésbicas ter sido apresentado, logo no início da trama, como união estável; afinal, tratava-se de mulheres "maduras" e atrizes bem conhecidas pelo público. Pela sinopse, a personagem Rafaela realmente iria morrer em uma explosão do *shopping*; Leila porém, refaria sua vida amorosa com a personagem Marta, interpretada pela veterana Glória Menezes. Impacto certo junto ao público habitual das telenovelas.

Se o público não tivesse 'pedido a cabeça' (mais pelo que foi veiculado na mídia informativa do que pelo que foi ao ar na trama) de Leila e Rafaela, a chance de elas se tornarem, pela classificação de Trinta (2008), um arquétipo teria sido grande. Pelas poucas cenas em que elas protagonizaram na trama, podemos classificá-las, porém, como pseudoprotótipos. Eram mulheres finas e elegantes, chegando mesmo a gravar cenas de afetividade (que não foram exibidas) e até tomar banho juntas. Fizeram o que quase todos casais fazem: amam-se, moram juntos, dormem juntos. Sílvio de Abreu (2008) explica os "estranhamentos" causados por essa telenovela, em entrevista ao livro "Autores".

> O público estranhou por causa do excesso de violência (...) Talvez tenhamos exagerado um pouco no começo. Mas foi bom, porque deu um alerta. Foi um escândalo: a Igreja indo contra, o bispo dizendo que íamos todos parar no inferno (...). O que me surpreendeu foi o fato de um casal de lésbicas resolvidas sexualmente, que viviam em harmonia, ter assustado tanto a Igreja. Não achei que isso fosse causar celeuma, porque não estava na minha cabeça fazer nenhuma cena de sexo com elas (...). Rafaela e Leila não morreram porque o público não as aceitou (...) o público estava plenamente satisfeito com o que viam na tela, mas tinham muito medo do que liam nos jornais e revistas". (AUTORES, 2008, p. 314-315).

A novela seguinte, "Suave Veneno" (1999), de Aguinaldo Silva, faz uma outra leitura do homossexual. O autor apresenta a personagem Uálber (Diogo Vilela), um rapaz amoroso e sensitivo. É amigo de todos e está sempre disposto a ajudar quem mais precisa. Uálber sempre está junto ao seu secretário Edilberto (Luís Carlos Tourinho), também "efeminado" e de Claudionor (Heitor Martinez), um heterossexual do tipo "machão". A personagem de Diogo Vilela agradou o público, tendo figurado na capa do CD da trilha sonora internacional da trama. Para a surpresa de muitos, ele termina a trama ao lado de Vanderlei (Licurgo Spíndola).

Os personagens dessa trama de Aguinaldo Silva são estereotipados. Embora existam gays místicos, o autor abusou dos trejeitos femininos nas caracterizações das personagens. Isso se agrava ainda mais com a personagem Edilberto, que apanhava em cena e sempre era alvo de chacotas pelo seu linguajar e seu jeito destrambelhado. A esse respeito, Trinta (2008, p. 47) afirma que os estereótipos valem por rotulações socioculturais, aplicando-se à percepção do comportamento humano e à caracterização de identidades; enfim, redundam em simplificações exageradas de características comportamentais específicas, o que afeta sobretudo minorias existentes.

Mulheres e homens apaixonados querendo ser donos do destino na América

De 1998, com a explosão do *shopping center* de "Torre de Babel", a 2003, com "Mulheres Apaixonadas", de Manoel Carlos[10], o discurso da telenovela, no que tange à relação homossexual pouco se modificou.[11] Mas, a partir de 2003, o assunto vem à tona com força e seriedade. Na telenovela "Mulheres Apaixonadas" (2003), Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), duas estudantes, tinham um relacionamento que foi sendo gradativamente desenvolvido no decorrer da trama. As personagens enfrentam a incompreensão de seus pais; assim, por exemplo, a mãe de Clara quer afastá-la de Rafaela, proibindo-a de sair com 'aquela outra', Clara lhe responde: "Aquela outra" tem nome. É Rafaela. E ela é minha namorada![12]. O preconceito na escola foi mostrado pela homofóbica personagem Paulinha (Ana Roberta Gualda), que usava expressões irônicas para retratar Clara e Rafaela. Em uma das cenas, a diretora do colégio, Helena (Christiane Torloni), chama as

[10] Nesse ínterim, destacamos duas novelas das 19h, "Um anjo caiu do céu" de Antônio Calmon e "As filhas da Mãe" de Sílvio de Abreu pelos discursos apresentados. Outras novelas que trataram do tema foram: "Explode Coração" (1995-20h), "Zazá" (1997-19h), "Pecado Capital" (1998-19h) e "Desejos de Mulher" (2002-19h).

[11] De 2003 até os dias de hoje todas as tramas, com exceção de "Caminho das Índias" (2009), de Glória Perez, apresentaram personagens homossexuais. No entanto, não classificaremos a novela "Celebridade" (2003) e Paraíso Tropical (2007), de Gilberto Braga, "Belíssima" (2005) de Sílvio de Abreu e "Páginas da Vida" (2007) e "Viver a Vida" (2009) de Manoel Carlos.

[12] Trechos das falas das personagens na telenovela "Mulheres Apaixonadas".

três a sua sala e lhes dá uma lição de moral, dizendo que todos têm o direito de ser felizes e que a Paulinha deveria preocupar-se mais com sua vida. Só assim poderia viver bem.

Um dos *plots,* na reta final da novela, foi o baile de formatura. A festa foi ao ar nos dois últimos capítulos da trama. Estava previsto uma encenação de "Romeu e Julieta", de Shakespeare. Clara seria Julieta e Rodrigo (Leonardo Miggiorin) seria Romeu. Rafaela ajudava Clara nos ensaios da peça; logo, conhecia todas as falas de Romeu. Dias antes da apresentação, Rodrigo quebra o pé e é impedido de contracenar com Clara. Para que a peça pudesse ser encenada, ele convida Rafaela para fazer a personagem Romeu. Houve então um beijo trocado por Clara e Rafaela, ou melhor, Romeu e Julieta, um homem e uma mulher.

Peret (2005) se ocupa da trama "Mulheres Apaixonadas" sob a ótica da análise de conteúdo e de recepção. O pesquisador percebe que a trama envolvendo, Clara e Rafaela, representa 1% do que foi narrado na história de Manoel Carlos. Entretanto, admite que isso não interferiu no desenrolar da narrativa, já que a história delas teve início, meio e fim. Clara não aguentava mais a pressão da mãe Margareth (Laura Lustosa), que sempre implicou com seu comportamento 'estranho', culpando Rafaela pela 'contaminação'. Clara depende financeiramente da família; Rafaela mora sozinha. Para que as duas pudessem morar juntas, era necessário que Clara chegasse à maioridade, como a novela mostrou. Margareth fez de tudo para a filha não sair de casa, em vão. Destacamos ainda a personagem Eugênio (Sylvio Meanda) secretário particular da poderosa Estela (Lavínia Vlasak), um sujeito bastante efeminado e sempre disposto a aconselhá-la na sua fatigante busca amorosa pelo padre Pedro (Nicola Siri).

Assim, classificamos as personagens Clara e Rafaela como protótipos exemplares. O público soube aprovar o romance entre as jovens e elas mostraram "o que o amor constroi, o amor é capaz"[13]. Venceram os preconceitos familiar e escolar, e puderam ter o direito de, juntas, viver uma união estável. Trinta (2008, p.44-46) observa que, em domínios de existência psicossocial coletiva, os protótipos fazem emergir identidades, por exemplo, com traços de personalidade tais como timidez, doçura e recato. Dá-se valor e se faz valer prescrições discrepantes (e inovadoras) em relação a conhecidos cânones de passividade individual, alienação social ou incentivo à inércia política.

"Senhora do Destino" (2004), de Aguinaldo Silva, foi outra novela em que personagens lésbicas tiveram grande destaque. Jenifer (Bárbara Borges) passa por todo o processo da construção de uma identidade homossexual. No início da trama, ela percebe que não gosta de rapazes, mas se ofende quando alguém a chama de lésbica. Ela conhece a médica

[13] Trecho de uma fala de Rafaela dirigida a Clara.

Eleonora (Mylla Cristie), que tem sua sexualidade bem definida. No início, Jenifer procura se afastar da amiga, justamente por sua inclinação homossexual; depois, se apaixona por ela. Elas não têm maiores problemas em assumir a lesbianidade para seus familiares. No meio da trama, passam a morar juntas, e cenas de afeto começam a ser mais explícitas. Não houve beijo, mas o autor conseguiu mostrar cenas de intimidade, no chuveiro e na cama, dando a entender ter havido uma relação sexual. Lenise Borges (2007), ao analisar as personagens lésbicas nas telenovelas da Globo, aponta:

> "Senhora do Destino" se destaca pela ousadia, pois foi a primeira novela a mostrar cenas íntimas. De um total de 160 cenas protagonizadas pelo casal no período entre agosto de 2004 e março de 2005, os meses de outubro e novembro foram definitivos para o desenrolar do romance. Também foram esses dois meses que apresentaram os maiores índices de Ibope da telenovela. Pode-se afirmar que, no caso de "Senhora do Destino", a novela contribuiu ao inovar, não só com a inclusão do casal lésbico, mas também ao introduzir o tema da adoção, colocando essa temática da esfera dos direitos civis como um direito dos homossexuais à homoparentalidade. (BORGES, 2007, p. 376).

Como afirma Borges (2007), no final da trama de Aguinaldo Silva, Eleonora encontra uma criança negra em uma lata de lixo e, junto a Jenifer, abre um processo de adoção. Pelo fato de o direito à homoparentalidade ter sido exposto somente ao fim da novela, não foi acionado o mecanismo da *agenda setting*, isto é, a instauração de um debate público como decorrência de um ou mais temas controversos apresentados pela mídia. Pouco se falou disso e muitos sequer lembraram que o tema foi abordado no final da novela. Essa mesma telenovela também pôs em cena um casal homossexual masculino, retratando-o, porém, de modo humorístico. Tratava-se do carnavalesco Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) e de Turcão (Marco Villela). Os dois passaram a novela inteira como "amigos", tendo o romance sido revelado nos últimos capítulos.

Sílvia Gomide (2006) foi buscar no Orkut um debate, no âmbito dos estudos recepção, sobre o relacionamento entre Jenifer e Eleonora. Gomide narra que muitos faziam comparações com outras tramas, principalmente "Torre de Babel" e estavam felizes pela continuidade das personagens, já outras a definiram como estereotipadas. O grupo analisado pela pesquisadora não se sentiu atraído pela adoção da criança pelo casal. De fato nenhum personagem LGBTTT em qualquer dramaturgia vai representar a totalidade dos anseios de um grupo. Como Bauman (2005) afirma, a identidade contemporânea é múltipla e instável; assim, jamais alguma personagem vai dar conta de todos nossos anseios. De qualquer modo, como defende Trinta (2007, 2008) há identificação e projeção por parte dos espectadores com relação a personagens de telenovela. Para nossa surpresa, Gomide (2006) conclui:

> A novela "Senhora do Destino" representou personagens homossexuais de maneira discriminatória. Ainda assim, apesar de estar longe de ser uma representação pura e simples de um relacionamento amoroso humano, a forma como foi mostrado um romance lésbico nessa

> ficção seriada brasileira representava uma inovação na representação social de lésbicas no Brasil. O casal foi retratado dentro da perspectiva do amor romântico associado aos casais heterossexuais e teve um 'final feliz', nos moldes usuais da narrativa ficcional audiovisual. (GOMIDE, 2006, p. 194)

Gomide (2006) justifica essa "maneira discriminatória" com o fato de a homossexualidade ter sido mostrada de forma indesejável, mas inevitável. A pesquisadora também aponta que o amor monogâmico é um pré-requisito de felicidade para lésbicas e gays. Concordamos em parte, porque existem pessoas que, independentemente de sua orientação sexual, preferem viver de "caso" em "caso" do que estabelecer uma união estável. Mas a união estável também é uma realidade no mundo LGBTTT; logo a trama não está discriminando quem não adota essa forma de amor, mas sim, mostra que ela também existe. A telenovela brasileira ainda não apresentou uma personagem homossexual arquetípica, pois as cenas de amor entre heterossexuais e homossexuais são totalmente discrepantes entre si.

A trama de Aguinaldo Silva trouxe inovações na representação homossexual; por isso, classificamos as personagens Jenifer e Eleonora como protótipos exemplares. Não fosse pela falta de erotização nas cenas íntimas, certamente seriam arquétipos. Trinta (2008) diz que um personagem prototípico, em alguns momentos, pode sublimar-se em arquétipo; assim, somente quem o reconhece como tal pode a ele se identificar ou nele se projetar. Já entre Ubirary e Turcão, não há dúvida em classificá-los como estereótipos. Ubiracy era efeminado ao extremo e Turcão um "machão", fechado, que não dava quase palavra alguma; limitava-se a acompanhar a personagem de Luiz Henrique Nogueira para aonde fosse como um segurança particular.

A telenovela seguinte exibida no horário nobre teve a assinatura de Glória Perez: "América" (2005). E, mais uma vez, a trama homossexual foi bem apresentada. Júnior (Bruno Gagliasso) é filho da viúva Neuta (Eliane Giardini), vivem na pequena cidade de Boiadeiros que tem o rodeio como um dos principais atrativos. Neuta não gosta de peões, pois acha que cada dia eles estão em um lugar e jamais levariam um namoro a sério. A viúva educa seu filho nos mais rígidos padrões. Boa parte da cidade de Boiadeiros a teme. Júnior começa a perceber que não tem o comportamento que sua mãe deseja: não gosta de música sertaneja, à qual prefere a clássica. Gosta de fazer desenhos de moda e não vê graça em rodeios. Junto a ele e sua mãe, vivem as afilhadas, as "marias-breteiras", entre elas Maria Elis (Sílvia Buarque). Maria Elis fica grávida de um peão de rodeio; para sua madrinha não a expulsar de casa, ela forja um romance com Júnior, que já teme que sua mãe possa desconfiar de sua sexualidade. Neuta fica feliz com o suposto namoro e mais ainda com possibilidade de ser avó.

A personagem de Sílvia Buarque foge com o peão, mas deixa o filho para Neuta e Júnior cuidarem, só reaparece no final da trama. Nesse período, Júnior vai descobrindo sua sexualidade. Quase no fim da novela, aparece o peão Zeca (Erom Cordeiro) e eles se apaixonam. Nesse momento, Júnior está namorando Kerry (Marisol Ribeiro), mas já sabe que é gay. No final da narrativa, Kerry vai até o quarto de Júnior e o obriga a confessar que ele gosta de homens e é apaixonado por Zeca. Neuta está próxima à porta e ouve a conversa. A princípio, a personagem de Eliane Giardini não aceita o que acaba de saber; mais tarde defenderá a homossexualidade do filho.

Esta telenovela pode, igualmente, ser considerada um marco, visto que estava explícita a afetividade homoerótica. Em cenas de trocas de olhares, suspiros e mãos dadas, houve várias insinuações de beijos, mas quando os personagens se dispunham a isto, alguém mais aparecia em cena. Estava previsto um beijo[14] do casal no último capítulo. Os atores chegaram a gravar a cena, o ibope chegou a quase 70 pontos, mas a emissora não permitiu que fosse ao ar. Júnior tem um final feliz, fica com Zeca e se torna um grande estilista. Sem que ninguém soubesse, Maria Elis entrega desenhos de Júnior a uma grande produtora de modas, que o convida para trabalhar com ela em diversas cidades do mundo, como Londres, Paris, Roma e Milão.

Assim, Glória Perez cria um personagem protótipo. Destacamos também o papel do ator Bruno Gagliasso, que soube dar o tom certo a sua personagem. Júnior passou pelo dilema da aceitação e medo de a mãe descobrir sua sexualidade. Fez o Brasil parar para ver o beijo que não foi ao ar. Júnior foi além do didatismo; bem ao contrário, a verossimilhança narrativa fez todos acompanharem seus dilemas e torcerem para um final feliz. Tal representação se deu de maneira perfeita, completa e acabada, ostentando, segundo Trinta (2008) um "alto grau de tipicalidade".

A telenovela, "Duas Caras" (2007), de Aguinaldo Silva, também aborda a questão e a polêmica do beijo retorna, dessa vez envolvendo as personagens Bernardinho (Thiago Mendonça) e Carlão (Luigui Palhares). Bernardinho é um cozinheiro muito querido na comunidade da Portelinha, é dono do restaurante "Castelo de São Jorge" e vive com Dália (Leona Cavalli) e Heraldo (Alexandre Slaviero), além da filha dos três. A madrasta de Bernardinho, Amália (Mara Manzan), sempre desconfiou que seu enteado fosse gay. Pede a Carlão para se aproximar do rapaz. Ele a atende. Mas, o que ela e, de certa forma, o público,

[14] Na época, foi comentado que esse seria o primeiro beijo gay da TV aberta brasileira. Porém, em 1990, na Rede Manchete, foi exibido um beijo entre dois homens na série "Mãe de Santo", de Paulo César Coutinho. Na trama os personagens Rafael (Daniel Barcellos) e Lúcio (Thiago Justino) viviam dois jovens universitários, que se conheceram na Bahia. Beijos homoafetivos já foram exibidos na MTV em programas como o "Fica Comigo", de Fernanda Lima e o "Beija Sapo", de Daniella Cicarelli.

não esperavam era que os dois fossem se apaixonar. Apesar de não ter havido beijo, como Aguinaldo Silva havia divulgado, os dois assinaram um contrato de união estável no último capítulo. A novela também apresentou Jojô (Wilson dos Santos) que fingia ser homossexual para não atrapalhar seus negócios na Uisqueria. O público, afinal, ficaria sabendo ele era casado com a cantora Eunice (Gottscha) e pai de dois filhos.

A telenovela mostrou uma cena de perseguição ao trio amoroso por parte do núcleo evangélico da trama, liderados pela personagem Edivânia (Suzana Ribeiro), o que não agradou em nada aos membros de igrejas evangélicas do Brasil. Já a comunidade gay reclamava que Bernardinho era efeminado demais e Carlão era "macho" demais. Estereótipos, como se vê. Trinta (2008) explica:

> os estereótipos ocorrem no âmbito das representações sociais, com destaque para fatores afetivos e origens inconscientes no comportamento coletivo. Crença ou representação rígida e redutora, geralmente partilhada por um grupo humano mais ou menos extenso, com referência a instituições, pessoas ou grupos, o cultivo de estereótipos pode resvalar para o preconceito. (TRINTA, 2008, p. 47).

Desde modo vemos que não somente Carlão e Bernadinho compunham estereótipos. A personagem Edivânia também foi representada de forma redutora. Todavia, o romance de Bernardinho e Carlão não foi bem construído. Carlão passou a novela inteira aplicando golpes em Bernardinho, que sempre o perdoava por isso. A conversão de Carlão não foi bem desenvolvida. Quase nos últimos capítulos, Carlão compra uma motocicleta, com dinheiro emprestado por Bernardinho. Afirma que não pretende pagar o empréstimo. Carlão sofrerá um acidente de moto e Bernardinho irá acompanhá-lo no Hospital. Algum tempo depois, vão a um cartório e com a presença de toda a Portelinha assinam o contrato.

Não houve uma verossimilhança no enredo. Embora o público soubesse do amor de Bernardinho e Carlão, esse último, em momento algum demonstrou interesse pela personagem de Thiago Mendonça, levando os telespectadores a poderem pensar que contrato de união estável era mais um golpe. Estes estereótipos, porém, não convêm apenas aos personagens analisados (Bernardinho, Carlão, Haroldo, Dália e Edivânia), mas a boa parte dos personagens dessa trama. Ainda de acordo com Trinta (2008, p. 47), esses personagens terminam por "incidir em generalização indevidas, abusivas ou, no mínimo, prematuras". O teórico completa (2008, p. 48): "tais estereótipos respondem às necessidades de eficiência e eficácia inerentes à mensagens veiculadas pela televisão. Fórmula fixa ou idéia inalterável, o estereótipo tende, pela reinteração, a uma perda gradativa da informação – mas igualmente, a um aumento de (sua) significação". Haverá, porém, estereótipos afetados por uma carga negativa maior ou menor.

Por fim, "A Favorita"[15], de João Emanuel Carneiro (2008), apresentou Stela (Paula Burlamaqui), casada durante doze anos com uma mulher com quem teve um filho. Stela se apaixona por sua amiga e confidente Catarina (Lilia Cabral), vindo sua proximidade do fato de trabalharem em um restaurante de propriedade de Stela em Triunfo. O ex-marido de Catarina, Leonardo (Jackson Antunes), descobre que Stela é lésbica e começa a persegui-la, fazendo uma campanha para que ninguém mais frequente o restaurante. Encarrega-se também de pichações no entorno do estabelecimento comercial. O inescrupuloso machista Léo tenta agarrar e estuprar Stela. No último capítulo, Catarina termina seu noivado com o verdureiro Vanderlei (Alexandre Nero) e vai viajar para Buenos Aires com Stela, deixando em aberto se elas serão "apenas boas amigas", como se diz em conhecido clichê.

A novela também apresentou Orlandinho (Iran Malfitano), um personagem que não sabe bem qual é a sua opção sexual e acredita ser gay quando se apaixona por Bruninho (Halley) (Cauã Reymond), que se fingia de 'entendido' no início da trama. Orlandinho descobre que Bruninho é Halley e que ele não é homossexual, mas continua nutrindo uma paixão pelo rapaz. Para que sua avó Geralda (Suely Franco) não desconfiasse da sua homossexualidade, ele engata um romance de aparências com sua amiga e confidente Maria do Céu (Deborah Secco), que já estava grávida de Halley e precisava 'garantir' o futuro do filho. O que o público, de certa forma, não esperava é que ele iria apaixonar-se por ela, deixando de ser homossexual. Nesse ponto a telenovela apresenta de forma indireta a 'cura' de homossexuais, o que é proibido pelo código de posturas do Conselho Federal de Psicologia.

Apesar das poucas cenas nas quais a personagem Stela tratava do assunto de sua homossexualidade, podemos classificá-la como um protótipo, ante a proposição feita de um modelo identitário forte. Sua imagem comportava traços físicos e caracteres morais que singularizam sua *persona*. De acordo com Trinta (2008), sua eventual aceitação junto ao público estaria garantida com sua constituição como protótipo. O professor (2008, p. 46) adverte, no entanto, que existe um risco, inerente a toda proposição prototípica, de exageros quanto a seus traços distintivos, o que não aconteceu com Stela. Quanto a Orlandinho, diremos estar diante de estereótipo pejorativo. No início e no meio da trama, seu figurino era composto por roupas apertadas; ele era apaixonado por música eletrônica e seu comportamento era efeminado. Já depois da 'descoberta' heterossexual, suas roupas e seu

[15] Além das citadas, as seguintes telenovelas globais também falaram sobre a homossexualidade: "Kubanacan" (2003-19h), "Da cor do pecado" (2004-19h), "A lua me disse" (2005-19h), "Beleza Pura" (2008-19h), "Caras e Bocas" (2009-19) e "Tempos Modernos" (2010-19h).

comportamento mudaram, não havendo assim maior verossimilhança narrativa[16]. No início da trama a personagem de Iran Malfitano era composta por chichês, chavões e lugares-comuns, referências imutáveis e, assim, tranquilizadoras. Já na segunda partes em virtude da sua transformações, percebe que "tais estereótipos respondem às necessidades de eficiência e eficácia inerentes às mensagens veiculadas" (TRINTA, 2008, p. 48). Isso nos faz perceber dois personagens distintos. Um homossexual e outro heterossexual. As características de fala e o figurino, encontrados no imaginário coletivo, são estereotipadas;e,no caso, da personagem de Iran Malfitano, não foram bem definidas. O momento de transição foi muito breve, impedindo maior uma coerência à narrativa.

Conclusão

Percebemos que a teoria de Aluizio R. Trinta sobre a representação dos personagens em telenovela é um importante instrumento de análise e perfeitamente cabível de aplicação. No entanto, sugerimos uma divisão de protótipo em: protótipo exemplar; protótipo e pseudoprotótipo. Em relação aos estereótipos é necessário diferenciar os estereótipos dos estereótipos pejorativos (a exemplo das personagens Orlandinho e Edivânia).

Verificamos também a constante ocorrência de pesquisa sobre os homossexuais na ficção televisiva, em destaque para as tramas globais. Porém, achamos que deve haver um maior rigor científico. Encontramos alguns erros em dissertações e artigos científicos. Isso se justifica pela carência de sistematização nessa área de estudos, assim tentamos deixar nossa contribuição. O trabalho, dentre os pesquisados, que melhor sistematiza os homossexuais em telenovela é o de Luiz Eduardo Peret, mas esse também deixou lacunas, a exemplo da não citação de "Partido Alto" e "Pecado Capital", telenovelas que também tiveram personagens homossexuais.

É notório os avanços temáticos da questão homossexual nas telenovelas brasileiras. Se em "Brilhante" não se podia sequer citar a palavra "homossexual", hoje até adoção de crianças por casais homoconjugais a televisão mostra. É claro que se comparamos telenovelas à produção cinematográfica e a seriados norte-americanos, como *Queer as Folk* e *The L World*, ou os recentes filmes americanos e, até mesmo brasileiros, chegamos a conclusão de que ainda temos muito a evoluir. Afinal a Rede Globo, que detém maior audiência e é a maior responsável por efeitos *agenda-setting*, ainda não mostrou um beijo homoafetivo de verdade.

[16] Não estamos afirmando que uma pessoa que se diz gay não pode transforma-se em heterossexual. Alguns casos desse tipo já foram apontados pela mídia. Todavia, não acreditamos na hipótese de 'cura' da homossexualidade, pois a ciência já mostrou que não é uma doença, logo, não há cura, mas aceitação mais ou menos tácita desta opção sexual.

Cenas homoeróticas não são, até aqui, sequer cogitadas pela emissora. Tudo, coma justificativa de não chocar o telespectador.

Gilberto Braga é certamente o autor que mais trabalhou com a temática homossexual; Sílvio de Abreu e Glória Perez porém, foram os que tentaram a este respeito quebrar paradigmas, mas sofreram impedimentos do público e da emissora. Manoel Carlos e Aguinaldo Silva, apesar das ótimas abordagens em "Mulheres Apaixonadas" e "Senhora do Destino", respectivamente, não obtiveram maior êxito nas tramas seguintes.

O artigo em questão é apenas um esboço de uma questão de deve ser mais discutida e sistematizada. Esperamos dar mais contribuições a esse tema, tendo por base e referências pesquisas já realizas.

Referências

AUTORES. **História da teletramaturgia** (Entrevista com Sílvio de Abreu). Livro 2. Memória Globo. São Paulo: Globo 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BORGES, Lenise. "Lesbianidade na TV: visibilidade e 'apagamento' em telenovelas brasileiras". In: GROSSI, Miriam et. al. (org.). **Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.363-384.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense,1997.

FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** São Paulo: Ediouro, 2008.

GOMIDE, Silvia. **Representação das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

PERET, Luiz Eduardo. **Do armário à tela global**: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2005.

TRINTA, Aluizio R. "Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais, no Brasil". In: SILVEIRA JR. Potiguara M. e COUTINHO, Iluska (org.). **Comunicação**: tecnologia e identidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.151-164.

_____. "Televisão e formações identitárias no Brasil". In: LAHNI, Cláudia e PINHEIRO, Marta. (org.) **Sociedade e comunicação:** perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 31-50.